O LEITOR DA ÚLTIMA ESCRITA: UM PSICANALISTA EM UM CONTEXTO HOSPITALAR

CLAUDIA PEDROSA SOARES

Major do Quadro de Oficiais de Saúde da PMMG. Psicanalista, Psicóloga Hospitalar. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. psi@claudiapedrosa.com.br

Resumo: Este trabalho visa investigar a função do psicanalista, em um contexto hospitalar, diante do sujeito cujo corpo, próximo ao fim, foi acometido por certa enfermidade. Para isso, promoveremos o escrito ao além das marcas no papel e o elevaremos à fala do sujeito; destacaremos, também, a leitura em relação à escuta daquilo que ainda resta em se inscrever. Dessa forma, extrairemos da função do psicanalista as posições de presença, consentindo com a partida do sujeito; testemunho, diante da vida que ainda pulsa em um fio de corpo e leitor daquilo que resta em se inscrever.

Palavra-chave: Corpo. Psicanalista. Hospitalar. Morte. Leitura. Escrita. Desejo.

[...] E foi no interior desse silêncio, naquele dia, que de repente vi e ouvi, rente à parede, bem perto de mim, os últimos minutos da vida de uma mosca comum.

Sentei no chão para não assustá-la. Não me mexi mais.

Estava sozinha com ela na casa inteira. Nunca tinha pensado nas moscas até então, exceto para rogar pragas contra elas. Como vocês. Fui educada, como vocês, no horror dessa calamidade para o mundo inteiro, que transmite a peste e o cólera.

Cheguei perto para vê-la morrer.

Ela queria escapar à parede, onde corria o risco de

se tornar prisioneira da areia e do cimento que se depositavam sobre a parede, com a umidade do parque. Olhei como uma mosca dessas morria. Foi demorado. Ela se debatia contra a morte. Durou talvez algo entre dez e quinze minutos e depois cessou. Ainda fiquei ali para ver. A mosca continuou parada junto à parede como eu a tinha visto, como chumbada à parede.

Eu estava enganada: ela ainda vivia.

Ainda estou ali, a olhar, na esperança de que ela recomece a esperar, a viver. DURAS, M. 1994: 35/36

Para jamais deixarmos de sonhar, para insistirmos na espera de melhores momentos, no decorrer da vida, a maioria de nós reconstruímos, incessantemente, os caminhos desenhados na tenra infância e insistimos em colorir-los com as cores da fantasia. A cada reconstrução, buscamos elaborar a dor do passado, enlaçá-la ao presente e nos lançar a um futuro menos sofrido.

No brincar sério do pensamento quem de nós, por alguns instantes, nunca se viu sonhando em vivenciar alguma cena prazerosa ou movimentando-se para atingir algum ideal ou ainda, deliciando-se nas (re)construções de castelos imaginários que abrigariam a tão esperada “vida saudável e tranquila”? Sim, jamais desejamos, com as suas devidas ressalvas patológicas, vivenciar a falência do nosso corpo, presenciar a morte dos nossos órgãos e muito menos experimentar o “perder-se” na nossa própria história.

Mas essas coisas acontecem. Como um meteoro rompendo os alicerces que sustentam a fantasia, destruindo as construções imaginárias e quebrando certezas absolutas, algo, violento assim, acontece.

São dessas coisas que é com a gente que acontece
O amor acaba
Um lado parte
e o outro tece
A teia fina da esperança de quem torce
Que o outro volte
que tudo volte
Então se esquece
Sobrar o amor é ver que a noite não amanhece
E Isso Acontece (Ivan Lins)

Quando um lado parte, ele rompe o caminho desenhado na infância e leva consigo as cores da fantasia. Esse texto tem como objetivo refletir sobre a função do psicanalista diante do sujeito cujos castelos imaginários se quebraram e onde o instante perdeu a cor, é sem devir.

O psicanalista, ao provocar o encontro com o sujeito assim, aposta que o outro lado tece. Tece porque o “outro lado” ainda é vivo. Tece porque o vivo ainda insiste. Tece com a linha da palavra e a agulha da dor. Tece para dar uma espécie de borda a essa estrada desmoronada. Tece até sobrar o amor.

O psicanalista é essa função que existe ali, a olhar, na esperança de que o sujeito recomece “a esperar, a viver”. Ele direciona sua prática, ao trabalhar nas Unidades de internação do Hospital da Polícia Militar de Minas Gerais, enquanto presença que consente na partida de um lado, enquanto testemunho de algo que insiste em viver e enquanto leitor dos restos de amor que tecem a noite que não mais amanhece. Esse texto visa, também, teorizar essa prática.

Se o encontro entre alguém acamado – objetalizado pelos

diagnósticos e tecnologias, esvaziado de afeto por causa do corpo remexido, remendado e emudecido – e o psicanalista é provocado, então, trata-se de um profissional diferenciado e inusitado para um contexto hospitalar.

As palavras diferenciado e inusitado não são sem propósito. O psicanalista nada tem de objetivo, protocolado e consistente a oferecer a esse alguém, o que o difere dos outros profissionais desse meio. É inusitado pela sua própria oferta. Ele insiste em tocar no vivo, que ainda pulsa no corpo moribundo. Ele persiste em escutar a boa música, que ainda soa de histórias revividas e recontadas de uma memória arruinada e ele, ainda, se satisfaz diante da beleza de ler, antes dos olhos se fecharem, a última grafia riscada pelo desejo.

Esse último risco desenha-se na avidez da urgência em agarrar-se ao instante que se esvai e escreve-se na certeza de que não haverá o depois. O momento desse encontro é a única chance de o sujeito ainda recontar sua história ou até mesmo contá-la pela primeira vez. É no ato de (re)inscrição que alguém gravemente enfermo pode se escutar, ou se fazer escutar, enquanto sujeito do inconsciente, e mais, pode separar-se das peças encenadas pelas lembranças ou ainda, pode tornar-se espectador do seu próprio teatro.

Ana, em tratamento quimioterápico, primeiro no CTI, depois na enfermaria, diz ao analista que não aguenta mais perder tempo se perguntando, em silêncio, – “por que comigo?”. Agora, as suas perguntas caminham em direção ao “para que comigo?”, “qual o propósito dessa experiência em minha vida?”

Em um processo de, talvez, contar pela primeira vez a sua história, rever posicionamentos, relacionamentos e posturas, ela suspira: “há de dar tempo, doutora!”. Ana contava ao analista que raramente sorria, era dura com os filhos, amarga e distante com a filha, odiava o marido, ele era alcoólatra e mulherengo. “A única coisa que ele fez

por mim foi esse convênio¹ e a casa onde moro. Fiquei viúva cedo. Eu não sabia lidar com adolescentes... Não tive adolescência e nem infância. Meus filhos se afastaram de mim. Me tranquei desde a infância. Aprendi a ficar calada. Eu não sei o que é um abraço... minha filha me diz que nunca me viu sorrir. Nunca contei a minha história para ninguém, nem para mim mesma.”

O analista encontrava-se diante do sujeito que lhe pareceu nem ter história. Endurecida, desconfiada, maltratada por ela e pela vida, ela se viu gravemente enferma. As metástases espalhavam-se pelo corpo, a medicina encontrava-se cada vez mais limitada diante do seu quadro, a morte aproximava-se. Em um gesto vivo, urgiu, diante do analista, tomando posse de sua história. (Re)começou a escrevê-la. Contando-a, contando-se, registrava-se no mundo do vivo. Uma vez que se conta, que se leva em conta, está escrito. Sempre há de dar tempo!

1 LEITOR DOS RASTROS DE AMOR

A morte de uma mosca é a morte. É a morte em marcha para um determinado fim do mundo, que estende o campo do sono derradeiro. Vemos morrer um cão, vemos morrer um cavalo, e dizemos qualquer coisa, por exemplo, coitado do bicho... Mas se uma mosca morrer, não dizemos nada, não registramos nada.

Agora está escrito. DURAS, M. 1994, p. 37

O que se lê naquilo que “agora está escrito”, sulcado, grafado, antes do sono derradeiro, é o que se tece entre um quarto de sonhos e um quarto de hora sem o dever. O que se lê é o que se tece quando estranhamente o sujeito se recusa a fechar seus olhos, apesar dos

¹ O convênio é do Instituto de Previdência dos Servidores Militares de Minas Gerais – IPSM. Com 105 anos de existência, presta assistência previdenciária a quase 400 mil vidas, aos militares e bombeiros, da ativa e da reforma, e aos seus familiares.

seus órgãos estarem em falência múltipla. Um “morrendo” que leva a família a se perguntar: “o que ele ainda quer nos dizer?”. Nesse “se perguntar”, eles recontam as dores, as mágoas, os ressentimentos. A demora e a insistência no “morrendo”, para aqueles filhos especificamente, começou a derreter os gestos duros, desnudar os mal-entendidos, perdoar as escolhas desastrosas. Então, algo de precioso, admirável e aconchegante pode tomar certa consistência nas lembranças de cada um. Ao redor daquele sujeito, os filhos foram se havendo com as diferenças e a convivência, apesar de delicada, tornou-se mais respeitosa, pelo menos naqueles momentos em que o pai jazia, em silêncio, no leito do CTI. Na mudez dos dias, havia um chamado do vivo insistindo na reconstrução de outra história.

O que se lê porta, ao mesmo tempo, a simplicidade e a potência da vida. O que se lê articula dois campos heterogêneos: o do deslizamento da representação e o da aridez do irrepresentável. O que se lê segue, também, no discurso da família, inscrevendo-se, contorcendo-se, espiralando-se e avançando diante da morte.

Roland Barthes ensina-nos que a fala é a “combinação (variada) de signos (recorrentes)” (BARTHES, 2012, p. 27), a articulação de significantes, silêncios, sons e ritmos, ela é “essencialmente um ato individual de seleção e atualização [...] e não uma criação pura” (BARTHES, 2012, p. 22 - 23). Não interessa à psicanálise o pensamento racionalista, o sujeito do conhecimento ou, ainda, o indivíduo enquanto um referencial em que a verdade se fará presente. Para a psicanálise, o sujeito é aquele que se divide entre aquilo que a fala diz – o enunciado, o significado, o dito –, e aquilo que, nela, se diz – a enunciação, o significante puro, o dizer. Daí a ruptura de Jacques Lacan em relação à máxima cartesiana: “penso onde não sou, logo sou onde não penso”. O sujeito do enunciado é o que escorre da fala e produz o ser obscuro na enunciação, o ser desconhecido que insiste em dizer-se quando o sujeito do

conhecimento perde as palavras, o ser estranho que insiste em viver quando toda a representação jaz morta.

- Para a psicanálise, a transposição do pensamento à fala representa o fato de que existe o não representável. No discurso do sujeito, não se almeja exprimi-lo, mas causá-lo. A causa, fonte de criação, destaca-se do indizível, deixando passar aquilo que existiu, perdeu-se e constituiu-se em um saber inconsciente. Eis a potência que emana do inominável, do fracasso da linguagem.

Para Barthes, a enunciação:

[...] reconhece que a língua é um imenso halo de implicações, de efeitos, de repercussões, de voltas, de rodeios, de redentes; ela assume o fazer ouvir um sujeito ao mesmo tempo insistente e insituável, desconhecido e no entanto reconhecido segundo uma inquietante familiaridade: as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias. (BARTHES, 2007, p.19)

O significante, quando acoplado a uma única significação, carrega o peso da fixação do sentido, da cegueira do olhar que visa para além das representações costumeiras e da mudez da voz que orienta e direciona o barco do desejo. Quanto mais esvaziado de sentido, mais o significante produzirá uma multiplicidade de significações, cujo efeito poético, ao se inscrever no corpo daquele que o evocou, alivia-o de seus excessos.

Aqui, faz-se necessária uma ressalva. O corpo onde se inscrevem os efeitos poéticos do significante nada tem a ver com o corpo biológico da medicina. Estamos no campo da subjetividade, onde a noção de corpo equivaleria a uma superfície plana. A cada movimento de inscrição do inominável, algo da ordem de uma intensidade

sulcaria esse terreno. A ideia de corpo, aqui, equivaleria à noção lacaniana do vazio escavado, esculpido pela escrita. Frente aos golpes do inominável, a escrita seria os traços sucessivos que se recobririam, “cada um deles buscando em seu gesto, como tentativa de aproximação, a palavra apropriada para designar aquilo que se quer dizer” (MANDIL, 2003, p. 50).

Aquém do estruturalismo e da linguística barthesiana, Sigmund Freud, no final do século XIX, construiu seu modelo de aparelho psíquico, em que a ideia de uma superfície plana, inscrita por sonoridades primitivas, seria o berço da constituição do sujeito do inconsciente. Vale a pena ressuscitarmos essa ideia, pois ela traz certa proximidade com a noção de corpo que estamos tratando aqui.

Relembremos esse modelo psíquico freudiano. Quando, em 6 de dezembro de 1896, Freud endereça à Wilhelm Fliess a *Carta 52*, ele lhe apresenta um primeiro esboço do que seria o aparelho psíquico. Esse aparelho apresentaria dois polos extremos: em uma primeira extremidade, se localizaria o polo perceptivo, em uma outra, a motricidade e a consciência. O polo perceptivo receberia os estímulos, mas não teria a capacidade de retê-los, seria apenas barulho, murmúrio de voz, sons sem definições. Freud o nomearia *W – Wahrnehmung* (percepções). A outra extremidade teria a capacidade de eliminar a energia que viria com os estímulos que o aparelho receberia da percepção. Entre uma extremidade e a outra, teríamos os registros de memória. Entretanto, pela impossibilidade de um único registro abarcar todo o material recebido, traços de memória iriam inscrever-se, em um constante rearranjo no aparelho, provocando uma retradução ou, ainda, uma retranscrição desse material. O primeiro registro das percepções seria o *Wz – Wahrnehmungszeichen* (indicação da percepção). Esse registro decorreria de uma primeira divisão entre signo e percepção. Vale

lembrar que signo é o que representa alguma coisa para alguém. Nesse registro, encontraríamos fragmentos de vozes na forma de traços de lembranças inscritos como signo de percepção. É nesse primeiro registro de memória que talvez possamos localizar, a partir de Lacan, a instância da letra, as primeiras colocações em escrito daquilo que ocorre no aparelho psíquico. O segundo registro das percepções seria o Ub – *Unbewusstsein* (inconsciência). Nesse registro, a sequência da malha significativa já se inscreveria. Uma segunda divisão ocorreria, o recalçamento separaria o signo, o representado do traço voz, do seu representante. Assim, manteria o traço voz, o signo, o representado, a coisa (*die Sachevorstellung*) no inconsciente e seu representante (*die Vorstellung*) na consciência. Seria um registro de lembranças conceituais, signos de lembranças, sem acesso direto à consciência. O terceiro registro seria o Vb – *Vorbewusstsein* (pré-consciente). Nesse registro, os traços de memória já estariam ligados às representações verbais, por meio de restos do entendido das palavras, dos resíduos das formações sonoras. E, finalmente, a outra extremidade do aparelho seria a consciência propriamente dita. Nesse registro, a palavra transportaria, de acordo com Freud, os restos mnésicos da coisa VOZ.

Na esteira lacaniana, 79 anos depois dessa Carta, em seu livro 23, *O seminário - O Sinthoma* (2007 [1975-1976]), Jacques Lacan assinala que, quando escrevemos nossas recordações da infância, somos transportados de uma escrita para outra. Ou seja, há uma escrita originária constituída por modulações (in)sonoras que herdamos daquele que nos transmite a linguagem. Essas modulações (in)sonoras inscrevem-se em um corpo, ainda em constituição, que ainda não adquiriu a fala. Essas inscrições nada mais são do que marcas de materialidade sonora que, ao mesmo tempo, foram talhadas e desmanchadas no aparelho psíquico, constituindo, aí, uma primeira escrita, ainda que rasurada. Esses germes sonoros,

apagados, perdidos, serão parasitados pelos significantes que irão compor a estrutura de linguagem desse sujeito.

Portanto, os elementos simbólicos estruturais que compõem a fala – os fonemas, os morfemas, as letras – ao serem combinados entre si, constituem um sistema de caracteres tipográficos equivalentes às impressões deixadas sobre o papel. Freud, no capítulo VI, do seu livro *A interpretação dos sonhos*, assinala que os sonhos são restos diurnos, significantes esvaziados de significações, letras a serem lidas como rébus, e não a partir do sentido que as imagens evocam. Lacan (1957), em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, sublinha que o inconsciente estrutura-se como a linguagem e que a palavra falada sofre uma espécie de sobreimpressão simbólica de restos significantes inomináveis, letras carregadas de afeto. Assim, a escuta analítica equivaleria a um tipo específico de leitura que exigiria do analista debruçar-se para além daquilo que se diz e lançar seu corpo sobre os excessos irrepresentáveis que a palavra parasita.

Nesse texto, definiremos letra como um significante, dessubstancializado e esvaziado de significações. Entenderemos, por esse termo, o sentido que lhe dá Milner (1996), em seu livro, *A obra clara - Lacan, a ciência, a filosofia*. Segundo esse autor, a letra é marcada por qualidades próprias, por uma fisionomia ou um suporte sensível, por uma identificação a si mesma e em um mesmo discurso e pela possibilidade de deslocamentos e permutações. Por causa dessas características, a letra poderia, ainda, ser rasurada, apagada ou mesmo eliminada.

Sendo deslocável e empunhável, a letra é transmissível: por esta transmissibilidade própria, ela transmite aquilo de que ela é, no meio de um discurso, o suporte; um significante não se transmite: ele representa, no ponto das cadeias onde se encontra, o sujeito para um outro significante (MILNER, 1996, p. 104).

A letra, em sua dupla destinação, transmissão e materialidade

sonora, opera, continuamente, na elaboração de uma determinada escrita que acontece quando o sujeito conta/reconta sua história a um determinado leitor. Pois a letra, na esteira lacaniana, é pensada, também, como um elemento articulador entre dois campos heterogêneos: o campo simbólico, a palavra dita, o nomeável, e o campo real, o dizer acoplado à palavra, o inominável. Essa ideia reitera a dimensão de repetição nos textos freudianos, ou seja, a incessante busca da melhor inscrição diante daquilo que se rompeu e jamais se inscreverá.

Podemos pensar que promover o escrito, o rébus, em relação às outras considerações do campo da linguagem e destacar a leitura em relação à escuta direciona a prática do psicanalista em um contexto hospitalar para a apreensão daquilo que ainda resta em se inscrever, pois ainda vive, e para a circulação daquilo que excede e insiste em não se inscrever, pois ainda pulsa.

2 CAUSAR A GRAFIA DO DESEJO

A fim de tentarmos teorizar aquilo que esse profissional tem a função de causar, a grafia do inominável, teríamos de nos perguntar sobre essa função, ou seja, sobre o que, do psicanalista, constituiu suas primeiras escritas, talhadas e desmanchadas pelo estilete da linguagem. São desses sulcos que emana a força de transmissão, única e singular do estilo do analista, e que sustenta e movimenta essa prática no vazio.

Na abertura de seus *Escritos*, Jacques Lacan assinala a famosa frase do pensador naturalista George-Louis Buffon “O estilo é o próprio homem”. A psicanálise esculpe o trajeto de um novo estilo para o homem moderno. O ato analítico elabora um endereçamento não mais ao sujeito da verdade, mas ao desejo, à verdade do sujeito. O

estilo em um analista é o que, afinal, resta de obscuro na estrutura. Chamaremos, assim como Lacan, esse ponto obscuro, de objeto. Mas não um objeto nomeável, palpável, substancializável. Ao contrário, um objeto inconsistente, indizível e irrepresentável.

É o objeto que responde à pergunta sobre o estilo que formulamos logo de saída. A esse lugar que, para Buffon, era marcado pelo homem, chamamos de queda desse objeto, reveladora por isolá-lo, ao mesmo tempo, como causa de desejo em que o sujeito se eclipsa e como suporte do desejo entre verdade e saber. Queremos, com o percurso de que estes textos são os marcos e com o estilo que seu endereçamento impõe, levar o leitor a uma consequência em que ele precise colocar algo de si. (LACAN, 1998 [1966], p. 11)

Aqui, chama-nos a atenção este “algo de si” que o leitor, dos Escritos lacanianos, precise colocar. Em francês a expressão é *mettre sien*, e a tradução em espanhol é *poner de su parte*. Pensamos que talvez a tradução em português como “algo de si” possa trazer certo mal-entendido que é pensá-la neste “si” em relação a algo que se dirige para “si mesma”, o que, na topologia, poderíamos denominar de uma figura orientável, um disco, por exemplo. Talvez o que Lacan esteja assinalando com esse *mettre sien* aproxime-se de uma figura não-orientável – uma banda de Moëbius², por exemplo – algo que seja “de mim” e que também inclua um outro, um dentro que é também um fora. Assim traduziremos “algo de si” como “algo do seu”, a fim de introduzirmos, nessa expressão, aquilo que esse algo indizível, esse objeto, traz de mais estranho e, ao mesmo tempo, familiar.

² A banda ou fita de Möebius foi descoberta em 1858 pelos matemáticos alemães Augusto Ferdinand Möebius e Johann Benedict Listing. Trata-se de uma figura tridimensional que se obtém facilmente, tomando-se um retângulo de papel, aplicando-lhe uma torção e ligando suas extremidades. O atributo característico dessa figura é ter apenas uma face, não sendo possível distinguir, nela, dentro e fora.

Ainda no início dos *Escritos*, Lacan aposta no estilo que seu endereçamento impõe para convocar seu leitor a sair da posição de quem espera beber, passivamente, na fonte de quem detém o saber. O estilo em Lacan, nesse texto de abertura, nos avisa que o que estará escrito ali não será da ordem da compreensão, da apreensão dos conceitos da psicanálise. Algo desses escritos escapará sempre a toda a teorização, e o “de seu” de Jacques Lacan sustentará esse fracasso e tocará no “de seu” do leitor convocando-o a novas elaborações. O chamado dessa escrita lacaniana é tão imperativo que o leitor se colocará em movimento, nem que seja desenhando às suas bordas.

O ato do analista é também esse ato de transmissão de “algo de seu”. Desse “de seu”, tão estranho e ao mesmo tempo tão íntimo do sujeito e, por isso, tão difícil de ser definido, que Lacan, ao nomeá-lo de objeto, usou a primeira letra do alfabeto para designá-lo. É esse “de seu” do analista que perturba o imaginário e as certezas do analisando/leitor, que toca em pontos de falta desse sujeito e que pode levá-lo a movimentar-se, apesar do seu congelamento neurótico.

O ato do analista é sustentado pelo desconhecido que o habita, mas o movimenta, pelo seu desejo. Mas não por aquele desejo errante, metonímico, sempre em falta, articulado à lei e às suas impossibilidades, mas sim por um desejo decidido, proveniente desse algo que, em suas modalidades de olhar e voz mais além da representação, une, no estilo do analista, ética e estética.

Para Lacan, então, o que responde ao estilo é o efeito desse resto inominável que responde à marca do sujeito e revela o vazio, a causa que movimenta o vivo. Esse psicanalista aponta uma disjunção entre a representação como um dizer que forja o saber e a verdade. “O objeto é a marca dessa disjunção, o estilo que revela o saber fazer com o fluxo significante, como na expressão: ‘LadRAR atrás da

coisa.”³(CALDAS, 2007, p. 69)

O estilo vem da palavra *styló*: objeto que, em uma extremidade, faz corte, marca uma superfície; na extremidade oposta, apaga, desmancha essas marcas. Dois gestos em um só ato: algo marca, algo se apaga. Nesse gesto duplo, o fazer produz um outro deslocamento em direção ao silêncio da estrutura: enxugamento em ponto de letra.

O estilo é efeito de um des-a-fio na estrutura. O sujeito, ao encontrar um analista, pode desfiar a sua trama fantasmática e fiar sua letra, mesmo porque estamos sempre testemunhando um lado que parte. O vivo é aquilo que poderia vir a tocar em um lado que tece. E aí, o ato de desfazer-fazendo implica que um outro enodamento vá se construindo. É nessa outra tessitura que o furo da estrutura pode ser velado, revelado e sustentado pela letra que o a-borda. Nesse ponto, o sentido se perde, e o apelo ao Outro se esgota. O silêncio, então, instaura-se.

Seria, então, o estilo um jeito de ser do analista?

É preciso entender, aqui, que o analista não é um ser, mas o efeito de análise, uma função. Enquanto função, ele abre mão do seu eu. O efeito que a experiência de análise produz no sujeito, implica que ele não mais recalque o inominável, a verdade de seu sintoma. A experiência de análise conduz o sujeito a bem dizê-la, a saber fazer aí, no osso da estrutura. O estilo é uma solução que o sujeito inventa nesse ponto. Em outras palavras, o estilo do analista é um jeito de não-ser. Mais que um manejo com e pela palavra, o estilo é uma operação que faz corte no corpo da palavra do sujeito, fundando a ética do analista e uma nova estética do significante. O analista opera, na clínica, a partir de seu “não-ser” e do lugar do “algo de

³ A expressão “LadRAR atrás da coisa” é de Jacques Lacan e encontra-se em *O seminário*, livro 24: *L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre* (1976-1977), na lição 11/01/1977. Inédito, disponível em: www.psicoanalisis.org

seu” ao qual é sustentado pelo operador lógico de todo o processo analítico: o desejo.

“O verdadeiro só depende de minha enunciação” (LACAN, 1969-70, p. 68). Com essa frase Lacan nos aponta uma certa correlação entre a verdade do sujeito e o estilo. Sabemos que a enunciação é a via por onde circula o obscuro do sujeito. A transmissão de verdade, então, provém do inominável pela via do estilo.

Qualquer retorno a Freud que se dê ensejo a um ensino digno desse nome só se produzirá pela via mediante a qual a verdade mais oculta manifesta-se nas revoluções da cultura. Essa via é a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem. Ela se chama: um estilo. (LACAN, 1998[1966], p.460)

Esse “não-ser” do analista é a forma como se demonstra um saber em fracasso inerente ao pensamento racionalista, ao sujeito cartesiano. Um outro saber, um saber fazer aí (*savoir-y-faire*), no ponto desconhecido da cadeia de pensamento, representa a vitória do sujeito do inconsciente. Essa falha na representação aparece em lugares variados. Pela insistência em não se inscrever é que se pode depurá-la de forma a identificar, na variedade dessa produção, uma constante singular, batizada com o neologismo lacaniano de *varidade*, com o *e* de variedade engolido, a fim de indicar a dimensão da verdade como algo variável.⁴

O estilo, então, pode ser definido como o que dá a *varidade* do analista, ainda que essa não possa, em momento algum, ser enunciada como uma verdade, mas possa ser verificada pelos seus efeitos de transmissão na variedade de sua criação.

⁴ Essa ideia encontra-se em: LACAN, Jacques. *O seminário*, livro 24: *l'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre* (1976-1977). Lição 19 de abril de 1977. Inédito, disponível em: www.psicofalix.org.

3 O QUE SE TECE É O QUE SE ESCREVE.

Escrever não é sequer uma reflexão, é um tipo de faculdade que se possui ao lado da personalidade, paralelo a ela, uma outra pessoa que aparece e avança, invisível, dotada de pensamento, cólera, e que por vezes acaba colocando a si mesma em risco de perder a vida... A escrita vem como vento, nua, é de tinta, a escrita, e passa como nada mais passa na vida, nada, exceto ela, a vida. DURAS, M. 1994, p. 48

O encontro do analista-leitor com alguém em um contexto hospitalar é sem intenção. Não busca descobrir aquilo que está encoberto no sujeito. Não tem uma causalidade ou uma continuidade ou mesmo uma finalidade. Não se trata disso. É uma oferta despreziosa àqueles que possam, ou desejam, vir abeirar-se desse desconhecido que o habita e refazer, a partir daí, sua história. Quando um encontro provocado desses acontece, as mãos abertas do analista podem ir na direção do desejo destemido do sujeito em cifrar-se. A escrita, que escorre da fala, passa a ser a única possibilidade, diante da morte, de eternizar-se no que há de vivo, pois ela é a ponte de transmissão do intocável.

Uma escrita assim constrói-se em ato, apoia-se na urgência do instante e alimenta-se do esquecimento daquilo que se viveu. Diante do silêncio da dor, o que resta são fragmentos de lembranças, ruínas de memória, que ciframos para darmos contorno aos nossos segredos inconfessáveis, para emendarmos a ruptura do caminho, para nos reescrevermos. Quando fazemos uma emenda, alinhavamos, ao mesmo tempo, o imaginário com o saber inconsciente e o simbólico com o irrepresentável. A voz, como elemento de opacidade nos enunciados, é o veículo mais importante dessa clínica. É como se o sujeito, ao inscrever sua dor, lesse, ao mesmo tempo, pontos desconhecidos do seu corpo e o chamasse a experimentar a

intensidade de ser tocado no ponto íntimo e delicado da estrutura: o desejo. A voz que escreve o desejo convoca a uma leitura no fio da navalha, no “dar-me a ler no insabido de mim” (VAZ, 2014, p. 38). Não podemos negar a existência de certo alívio e de determinado prazer em capturar ou mesmo de inventar a palavra que mais se aproximaria daquilo que, no corpo, insiste em dizer.

Sim, somos todos atraídos por esse ponto inacessível. Mais cedo ou mais tarde, sofreremos o impulso de formular perguntas ao furo intraduzível da nossa estrutura, talvez a proximidade do fim agilize a busca de alguma forma que viria capturar alguma tradução. Somos movidos pela intensidade e pela gravidade de uma força que emana dessa falta. Precisamos registrá-la. Está escrito!

Abstract: This paper aim to investigate the psychoanalyst’s work, in a hospital setting, before an individual whose body, near its end, has been seriously ill by a disease. For this purpose, we will promote what was written beyond the marks on the paper, raising it to the person’s speech; we also stress the reading of to what still remains to be inscribed. In this way, we draw from the psychoanalyst’s work the positions of presence and agreeing with the individual’s departure; testimony facing life that still pulsates in a strand of a body; and a reader of what remains to be inscribed.

Key-words: Body. Psychoanalyst. Hospital. Death. Reading. Writing. Desire.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Elementos da semiologia**. Trad. Izidoro Blikstein. 19. edição. São Paulo: Cultrix, 2012.

BARTHES, R. **Aula**. Trad. Leila Perrone-Moisés. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

BLANCHOT, M. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CALDAS, H. **Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

DURAS, M. **Escrever**. Trad.: Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1901). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB, IV)**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 332-342.

FREUD, S. Carta 52 (1896). In: _____ **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB, I)**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 254-259.

GARCIA- ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

LACAN, J. Abertura desta coletânea. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 9 -11.

LACAN, J. A psicanálise e seu ensino. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.437- 460.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 493-533.

LACAN, J. Litoraterra. In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar Editor, 2003. p. 15-25.

LACAN, J. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise** (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J. **O seminário, livro 23: o sinthoma** (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

LACAN, J. **O seminário, livro 24: *l'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*** (1976-1977). Inédito. Disponível em: <www.psicocanalisis.org>. Acesso em: 04 set. 2016.

MANDIL, R. **Os efeitos da letra, Lacan leitor de Joyce**. Belo Horizonte: Ed. Contra Capa Livraria/Faculdade de Letras/UFMG, 2003.

MILNER, J. **A obra clara - Lacan, a ciência, a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

VAZ, P. **Não se sai de árvore por meios de árvore**. Belo Horizonte: Cas'a'screver, 2014.